



Como a capacitação profissional serve à vida feliz?

POR **SIGMAR MALVEZZI**

A compreensão, construção e vivência da felicidade são aspirações milenares da humanidade. Poucos sonhos têm sido tão renitentes e abrangentes como a esperança de vida feliz. A persistência desse sonho fertilizou nossa compreensão do mundo, estimulando debates e inspirando as ciências e as artes na exploração de respostas a questões cruciais de nossa existência – tais como “quem somos?” e “qual é nosso destino?” –, desde os momentos primitivos das sociedades comunitárias até esta etapa tecnocrática de nossa civilização. O desejo de ser feliz acompanha a humanidade como uma sombra, motivando, inspirando, desafiando, transformando e cobrando eficácia. Os frutos dessas demandas expõem avanços significativos que não aplacam as dúvidas, discordâncias e incertezas sobre “o que é a felicidade”.

Até mesmo territórios fortemente organizados pela racionalidade econômica e tecnocrática, como as escolas de gestão de negócios, abriram espaços para a pesquisa e o debate sobre a felicidade. Embutida no âmbito da missão das empresas e instituições, da qualidade de vida e sustentabilidade, diversas escolas discutem a questão da felicidade na formação do gestor. Debates sobre políticas públicas dedicadas à promoção da felicidade têm enriquecido

essas discussões e atraído projetos explicitamente dirigidos à promoção da vida feliz no trabalho e na sociedade. Espaços de reflexão como o Fórum Social Mundial e projetos como a promoção do bem-estar no Butão revelam a sensibilidade política para esses debates. Iniciativas na interface entre as artes, as questões sociais e o marketing, como “La Triennale di Milano”, de 2018, cujo tema foi “mulher e vida feliz”, têm expandido e agitado os meios de compreensão e busca da felicidade.

Na perspectiva das escolas de gestão e de negócios, duas perguntas despontam na reflexão sobre a felicidade. Projetos dedicados à realização da felicidade individual e coletiva são viáveis? Como as organizações podem se alinhar a esses movimentos em prol da felicidade e, particularmente, em favor do bem-estar de seus colaboradores? Analisar a felicidade e essas questões é o foco deste ensaio. Seu objetivo é estimular mais reflexões sobre a felicidade e sua construção nos espaços da rotina do leitor. Dentro desse escopo, este artigo consiste em uma síntese do estado da arte no debate atual sobre a felicidade, completado pela análise das dificuldades que emergem da sociedade tecnocrática na promoção da felicidade.

A INTERFACE FELICIDADE E GESTÃO O conceito de felicidade é uma herança das mais antigas, espalhada em todas as culturas. Embora sua origem seja desconhecida, o seu reconhecimento é generalizado na história da maioria dos povos, com força suficiente para ser transmitido de geração a geração, sem perder vigor, mesmo em tempos de poderoso pragmatismo, como neste momento, de aberto otimismo pelo paradigma tecnocrático da sociedade. A vida feliz é uma aspiração generalizada, mesmo que não se saiba “o que é ser feliz”, “por que ser feliz” ou “como ser feliz”. Buscar objetivos assim indefinidos colide com a racionalidade dominante na capacitação para os negócios. Mesmo sem clareza do “que é felicidade” e do “como ser feliz”, a busca de respostas a essas questões se autorreproduz, motivando pessoas e instituições no movimento inercial de esperança que, algum dia, essas respostas despontarão no cenário da sociedade. Esses temas não são prioritários, mas já permeiam as atividades de formação dos gestores.

Em tempos de ações balizadas por poderosos computadores, a busca de um objeto mais perseguido pela intuição e tradição, do que pela racionalidade, não se compatibiliza com o espírito regulatório e pragmático predominante nos negócios e na gestão. Sem se importar com essa dupla razão hermenêutica, as pessoas reconhecem, intuitivamente, a existência da felicidade e agem na esperança, mesmo oculta, de “ser feliz” e promover a felicidade dos outros, em algum momento de suas vidas. Essa brecha, entre a confiança na aspiração e a incerteza da busca de algo que resiste ao próprio esclarecimento, parece contraditória com a capacitação de atores competentes para atuar na sociedade tecnocrática, mas segue na força da intuição de que ser feliz é finalidade da vida. A arte tem refletido e registrado esse reconhecimento da felicidade, mostrando, com frequência, a busca da vida feliz nas rotinas da vida e em situações nas quais os indivíduos são felizes, mesmo vivendo dentro de condições hostis e desumanas.

A fábula do filme de Ang Lee (2015), “As Aventuras de Pi”, toca nesse paradoxo, assim como letras de músicas do cancionista brasileiro, como “Amélia é que Era Mulher de Verdade” de Aaulfo Alves (1942). Dificilmente, algum texto científico competiria com a linguagem criativa de Akira Kurosawa, em sua singular exposição da vida feliz no episódio da Aldeia dos Moinhos, do filme “Sonhos” (1990). Nesse episódio, o cineasta mostra que a

felicidade é uma condição interior, despontada na inércia da busca do bem e da consciência da existência. Nem mesmo a debilidade e limitações da velhice enfraquecem a força dessa inércia. Essa visão contrasta com o pragmatismo oferecido pelas facilidades das tecnologias, cuja eficácia resolve as demandas do dia a dia, mas pouco toca na felicidade. O filme sugere que a felicidade não é uma questão empírica e nem instrumental, mas emergente da riqueza da vida interior.

Especular sobre a felicidade como aspiração existencial não oferece atrativos para a capacitação profissional, perdendo pela priorização dada ao esclarecimento da eficácia, da inovação e da instrumentalidade. Mesmo sob essa forte racionalidade econômica, a vida feliz, sem aparecer formalmente nos currículos, desponta em iniciativas individuais, dirigidas ao apoio ao enriquecimento da visão de mundo dos gestores. O tema felicidade aparece em conferências, fóruns e pesquisas como fator que contribui para a compreensão da vida profissional e da sociedade, que contextualiza o desenvolvimento dos negócios. Como esse conceito foi colocado no repertório de preocupações e alvo de projetos que caminham em racionalidades tecnocráticas?

ORIGEM DA ASPIRAÇÃO DE VIDA FELIZ A felicidade é um conceito que foi agregado à civilização humana, há três milênios, pelos pensadores clássicos gregos, mesclado ao conjunto de ideias que caracterizavam sua visão da sociedade. Conceitos sistematizados pelos gregos, como democracia, filosofia, política, ética, justiça, felicidade e arte literária (teatro e poesia), para explicar os ideais da sociedade, foram assumidos como os pilares de nossa civilização. Alinhada a esses conceitos, a felicidade contribuiu para a compreensão do sentido da existência, da qualidade e finalidade da vida humana. Representando essa civilização, esses pilares atravessaram a história, balizando a construção da vida coletiva e dos projetos humanos, que sustentaram e enriqueceram os ideais de sociedade.

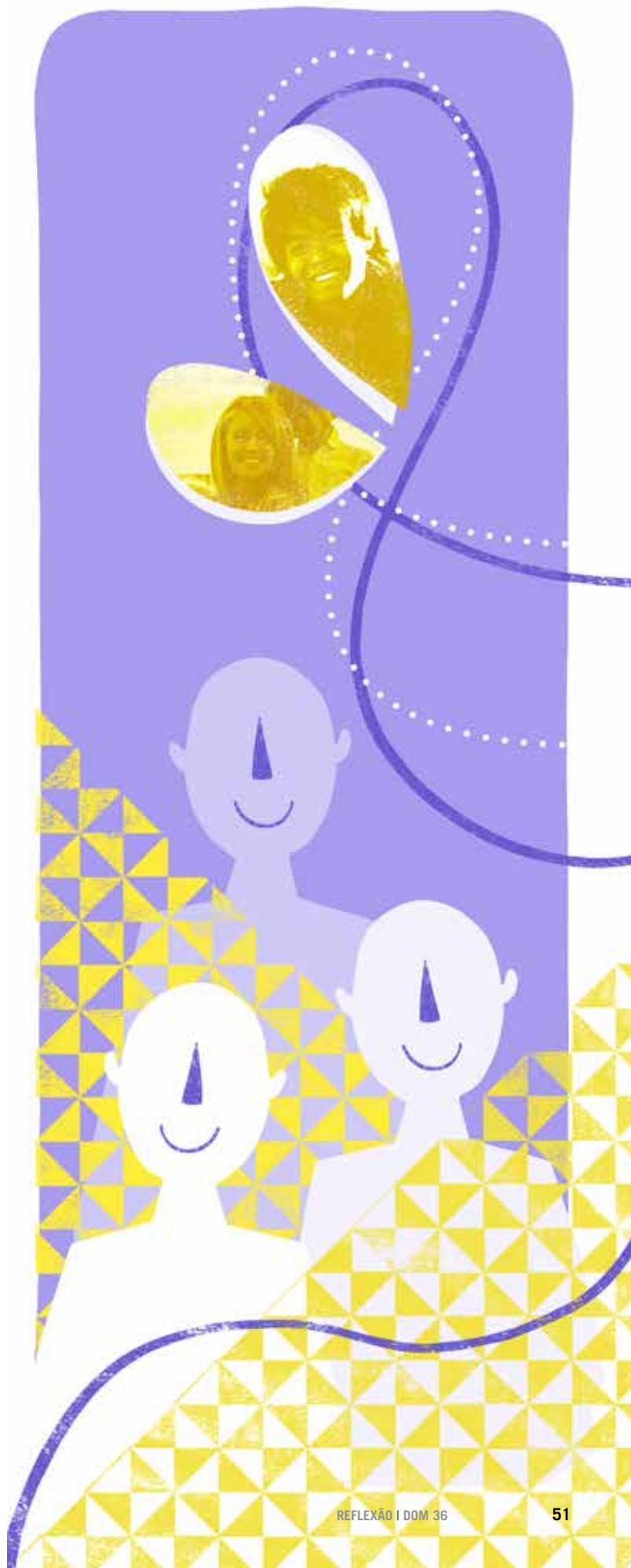
O conceito de felicidade apareceu e foi registrado por palavras gregas, como “eudaimonia”, “makariotès” e “eu zèn”, para expressar o ideal do “bem viver” individual e comunitário, a paz nos relacionamentos entre comunidades e nações e a finalidade da vida humana. Desde sua concretização em palavras específicas, o conceito de felicidade foi

A VIDA FELIZ DESPONTA EM INICIATIVAS INDIVIDUAIS, DIRIGIDAS AO APOIO AO ENRIQUECIMENTO DA VISÃO DE MUNDO DOS GESTORES

aprofundado e enriquecido, resistindo sempre às inúmeras tentativas de delimitá-lo a alguma definição. Felicidade parece ser sempre algo mais do que suas definições comunicam. Essa resistência a delimitações foi uma contingência positiva, porque estimulou contínuos debates sobre sua compreensão, sobre os predicados da existência humana e sua integração na vida individual e coletiva. Hoje, a felicidade é um ideal diferenciado de outros, como o bem viver, a virtude, a qualidade de vida, o bem-estar objetivo e subjetivo e a saúde. Há mais clareza sobre suas identidades. Embora distintos, esses ideais se complementam, expondo os diversos aspectos da existência humana. Cada um deles realça especificidades que o diferenciam, ao mesmo tempo em que criam superposições, fomentando ambiguidades entre suas semelhanças e diferenças.

O bem viver foi o ponto de referência dos pensadores gregos, a partir do qual os diversos aspectos se diferenciaram. O conceito trata das potencialidades humanas que podem ser exploradas na arquitetura dos bens e condições de existência. Bem viver pressupõe equilíbrio e harmonia entre o indivíduo e seu ambiente. A felicidade aprofundou a compreensão dessa relação indivíduo-ambiente, enriquecendo seu sentido ao tratar da interface do indivíduo com ele mesmo, ou seja, de sua vida interior, lhe abrindo para a dimensão de plenitude e transcendência em sua existência. A paz é outro aspecto da existência que os gregos consideraram, ao focar a harmonia, confiança e complementaridade nas relações de trocas, parcerias e sustentabilidade do ambiente entre grupos, povos e civilizações. Nesse conjunto, ainda aparece o conceito de virtude, que enfatiza a questão da conduta para o bem.

Essa descrição das especificidades, superposições e fronteiras entre aspectos da existência humana





A VIDA FELIZ É UMA POTENCIALIDADE CUJA REALIZAÇÃO ESTÁ AO ALCANCE DE TODOS, SEM DEMANDAR INSTRUMENTALIDADE TÉCNICA

mostra a imponderabilidade e diversidade de sentidos e dimensões subjacentes à vida individual e coletiva, interior e exterior. Esses conceitos expõem as potencialidades do protagonismo humano na construção da sociedade e de sua própria qualidade de vida.

Sendo a existência humana uma condição de origem plural, na qual se mesclam estruturas e eventos biológicos, cognitivos, psicológicos, sociais e simbólicos, os diversos ideais, movimentos e funções que a expressam (como a consciência, emoções, percepções, realizações e frustrações) expõem a diversidade de causalidades e situações nela implicadas, desafiando metodologias que lhe impõem fronteiras.

Felicidade, autorrealização, emancipação, livre arbítrio, satisfação, prazer, bem-estar, bem viver, gozo e outros movimentos que identificamos na existência humana desafiam a compreensão do que somos e do que é o nosso destino. O debate sobre o reconhecimento, qualidades e diferenças entre esses movimentos indica não somente a necessidade de identificação de seus predicados, mas também dos riscos da delimitação dessa busca a espaços estruturados, como têm sido considerados pela racionalidade tecnológica e por tentativas de mensuração.

Na existência humana, se alternam momentos e situações de prazer e sofrimento, de bem-estar e mal-estar, de sucessos e fracassos, de satisfações e frustrações, que se superpõem e se interpenetram, como que resistindo às limitações de fronteiras que os diferenciem entre si e em sua significância e força. Essa volatilidade, diversidade e dinâmica dos movimentos humanos desafiam a investigação da felicidade, que pode ser reconhecida na totalidade ou em seus fragmentos. O ponto crucial entre essas duas posições desponta na pergunta se a felicidade seria uma condição transcendente, não limitada pelo tempo – compreendido como “cronos” ou “kairós” –,

ou se estaria em conjuntos de fragmentos limitados no tempo e no espaço. Seria a felicidade um movimento interior não limitado por fronteiras, como ocorre com os distintos fragmentos de prazer e bem-estar? Esse desafio foi tratado por Sewaybricker (2017), em sua investigação sobre a felicidade. Ele confrontou os critérios e objetos construídos em distintos campos de conhecimento, como a filosofia, as ciências empíricas e a política. Esse confronto revelou a resistência da felicidade em ser capturada por algum deles. Parece que seu estudo requer distintas abordagens e olhares. A análise de Sewaybricker se alinha com a visão da felicidade como objeto que transcende as metodologias e delimitações.

Configurada como transcendência, a felicidade seria o máximo bem que a consciência captura na existência. Essa configuração da felicidade, encontrada desde Aristóteles e explicitada por Tomás de Aquino, que definiu a felicidade como o “sumo bem” (*summum bonum*), a concebe como o máximo prazer que o ser humano pode vivenciar em sua existência. Esse prazer não seria algo delimitado a funções biológicas, mas protagonizado pela consciência. Essa configuração contrasta com Jeremy Bentham, que se distancia do critério transcendência, ao entender a felicidade como “a soma dos prazeres vividos em certo espaço de tempo”. Se o critério de transcendência for tomado como fator diferencial, a satisfação e o bem-estar seriam momentos positivos da vida, mas não expressariam a felicidade. Esta estaria na consciência da totalidade do bem viver, sem o balizamento das fronteiras de tempo e espaço.

Discutir essa dupla compreensão da felicidade, condição transcendente ou sensorial, é requisito fundamental para o avanço em sua compreensão. Essa tarefa demanda um espaço de reflexão que vai além do conteúdo de um simples ensaio. O confronto entre as duas abordagens, desenvolvido por Sewaybricker em seu confronto entre três campos do conhecimento, se encontra igualmente em Alexandre Schnell (2006), no qual a compreensão da felicidade é descrita nas diferenças entre diversos autores. Ambos mostram que o caminho para a superação dessas dificuldades é a interlocução sistemática com os diversos autores que exploraram a variabilidade desse conceito e de suas fronteiras. Este ensaio foi elaborado para estimular o leitor a se movimentar nesse diálogo, como forma de contribuir com eles no avanço do conceito. Surge, então, a última

parte da reflexão proposta no início: “de que modo organizações e instituições podem contribuir para a vida feliz?”.

COMO A CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL CONTRIBUI PARA A VIDA FELIZ?

Tomando as concordâncias entre o pensamento sobre a felicidade, é possível identificar a possibilidade de apoio da capacitação profissional para sua realização. A felicidade é uma condição interior. Não é concedida, adquirida, nem outorgada, mas empreendida pelo indivíduo, mesmo tendo ele uma compreensão imprecisa sobre “o que é ser feliz”. A vida feliz é uma potencialidade cuja realização está ao alcance de todos, sem demandar instrumentalidade técnica. O meio ambiente dispõe de muitos recursos que podem favorecer o gozo da felicidade, mas é o indivíduo que a constrói. Considerando esses pontos, o que a capacitação profissional pode fazer para apoiar esse empreendimento, se apenas o indivíduo é seu protagonista?

Os indivíduos aprendem o caminho da felicidade administrando sua relação consigo mesmos e com o ambiente. A sociedade e suas estruturas – portanto a capacitação profissional – podem apoiá-los, em seu empreendimento para crescer como sujeito. O ambiente é fator crucial da subjetivação produzida pelo indivíduo que o instrumentaliza na construção da vida feliz. Subjetivação é o conjunto de estruturas internas que capacitam e energizam a “compreensão” que o indivíduo tem de si, do mundo e das finalidades de sua existência. É o capital subjetivo que acompanha o indivíduo, “oferecendo” instrumentalidade para a sua consciência e, portanto, para sua ação como sujeito emancipado, através da qual ele busca e constrói sua existência. Integram sua subjetivação, as identidades, valores, crenças, representações e demais estruturas que fundamentam e sustentam suas ações. Subjetivação, segundo Touraine (2017), é um instrumento crucial de ação do indivíduo como sujeito, porque fundamenta suas escolhas, produz significados e atribui valores, criando a interface consigo mesmo e com o ambiente. Subjetivação é o capital do indivíduo para agir como sujeito, se emancipar, se realizar e ser feliz.

Pela subjetivação, o indivíduo formata sua consciência e os seus ideais – ou seja, sua vida interior –, que fazem a mediação de sua relação consigo mesmo e com o mundo. A convivência da rotina, a socialização, a educação e a aculturação constroem

e reconstruam a subjetivação. A sociedade e seus instrumentos de capacitação criam condições da subjetivação e, portanto, da capacitação para a vida feliz.

Desde a infância, nos diversos momentos de sua capacitação como sujeito, o indivíduo aprende a distinguir os prazeres sensoriais, limitados pelo tempo e pelas sensações, do prazer contemplativo, transcendente da consciência da própria existência. Esse prazer, que Tomás de Aquino denominou de “sumo bem”, não é produzido por alguma função humana específica, mas pelo conjunto de movimentos de sua ação como sujeito emancipado e consciente, energizado pela idealização de si mesmo, como afirma Karen Horney (1951). Ele busca a transcendência, não se limitando a realizar e sentir, mas superando a si mesmo. Francesco Chiumento (2014), analisando a visão agostiniana da felicidade, especifica a consciência, a memória, os ideais e o amor, como estruturas que fazem essa mediação na construção e avaliação da vida feliz. Essa visão é consistente com a ação dos personagens de Kurosawa e de Ang Lee, mencionados anteriormente. Pi e o idoso mobilizam essas estruturas em busca da felicidade. A mobilização observada nesses personagens é coordenada pela subjetivação.

Assim, embora a felicidade seja o empreendimento pessoal capacitado pela vida interior, a gestão do ambiente contribui de modo significativo em sua construção, pela influência sobre a subjetivação. O ambiente instrumentaliza a construção da subjetivação, que é a “plataforma” subjetiva dos indivíduos. Pode facilitar ou dificultar a capacitação e crescimento do indivíduo como sujeito, oferecendo as condições de sua subjetivação. Hoje, o ambiente apresenta muitos obstáculos à subjetivação, como Touraine (2017) analisou com profundidade. Hadjadj (2018) se alinha à análise de Touraine, denunciando a dificuldade de vida feliz sob o parasitismo dos indivíduos, decorrente de sua limitada utilização das máquinas, como obstáculo à vida interior. Hochschild (2013) também se alinha a essa crítica, mostrando o isolamento cognitivo e afetivo, decorrente desse parasitismo que leva o indivíduo à perda de autoconfiança, e que ele compensa buscando apoios externos diversos. Esse círculo vicioso cria o *outsourced-self*, que não percebe sua colonização por parte de uma cultura que desvaloriza a vida interior.

No desafio de sua sobrevivência, o personagem Pi aprendeu a construir os meios de sua emancipação, transcendência e vida feliz. Descobrimo

sua transcendência, ele aprendeu a não se limitar à eficácia dos resultados. Em nenhum momento de sua saga, Pi separou o protagonista eficaz de seus ideais de sujeito emancipado, em busca da vida feliz. Enfrentando condições desumanas, Pi sustentou sua condição de sujeito e buscou ser feliz. Assim, ele nos ensinou que a felicidade é sempre do tamanho dos ideais que movem nosso protagonismo pessoal, em busca da própria transcendência. Sendo influências na subjetivação dos indivíduos, por que os programas de capacitação profissional não poderiam contribuir com a superação da busca de resultados e buscar a transcendência para ser feliz?

SIGMAR MALVEZZI é professor associado da Fundação Dom Cabral e pesquisador em Psicologia do Trabalho da IPUSP.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

CHIUMENTO, Francesco. **La felicità secondo Sant'Agostino**. 2014.

HADJADJ, Fabrice. Et le verbe s'est fait charpentier ou la Bonne Nouvelle de nos mains. In.: **Conférence à Notre Dame de Paris**, du 4 mars. 2018. Disponível em: <<https://www.paris.catholique.fr/et-le-verbe-s-est-fait-charpentier.html>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

HOCHSCHILD, Arlie Russuell. **The Outsourced Self: what happens when we pay others to live our lives for us**. New York: Metropolitan Book, 2013. 320 p.

HORNEY, K. **Neurosis and human growth**. 40th. ed. New York: W. W. Norton Company, 1991. 400 p.

SCHNELL, Alexander (Ed.). **Le Bonheur**. Paris: VRIN, 2006. 240 p.

SEWAYBRICKER, Luciano Esposito. **Felicidade: utopia, pluralidade e política: a delimitação da felicidade enquanto objeto para a ciência**. 2017. 189 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de psicologia, USP, São Paulo, 2017.

TOURRAINE, Alain. **Nous sujets humains**. Paris: Le Seuil, 2015. 416 p.